

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 15

Data: 14.01.70 Pg.: 6

## Cintas-largas deixam sertanistas à mingua

ESP. 70/1/14-10 1960

Da Sucursal de Brasília

Atendendo a apêlo urgente do encarregado da missão junto aos cintas-largas, a FUNAI enviou para o Posto Roosevelt provisões para substituir o açúcar, a farinha e o arroz que os índios levaram da despensa "sem pedir licença", e que deverão chegar ao local após viagem de 3 dias por caminhão, lombo de burro e canoa, se as condições de tempo o permitirem.

"Chamado de emergência: os índios levaram nosso açúcar, farinha e arroz. Estamos comendo castanhas. Situação difícil, precisamos medicamentos urgentemente. Situação difícil. Alfredo Marins Filho".

Este é o radiograma enviado pelo encarregado do Posto Roosevelt, próximo à tribo dos cintas-largas, para o sertanista Chico Meirelles, que está participando do II Encontro de Delegados da FUNAI, em Brasília. Para a região partirá sábado o avião da entidade, que será o primeiro aparelho a descer na pista recém-preparada pela missão pacificadora.

Para atender o Posto Roosevelt, a direção da FUNAI liberou imediatamente NCr\$ 1.500.00 para a repartição do Posto Velho levar, em forma de mercá-

dorias, até aquela área. Transformados em provisões, esses recursos percorrerão uma trilha que começa por caminhão, segue pelo lombo de burros e finalmente por canoa. E se as condições forem boas, em três dias o Posto estará atendido.

### O primeiro contato

No meio da selva, numa região que vai do Noroeste do Mato Grosso até Rondonia, cerca de 5 mil silvícolas — talvez a maior nação indígena, hoje, no Brasil — da tribo cinta-larga constituem as "meninas dos olhos" dos dirigentes da FUNAI. Ali eles não querem repetir erros de administrações passadas. A missão de pacificação — que pode significar não só o primeiro contato, como também o último — é um trabalho que o sertanista Chico Meirelles conhece há mais de 20 anos.

"Não se pode esconder nada dos índios — diz o sertanista. Se eles nos virem comendo vão querer que repartamos. É justo. Se quiserem nossas armas de fogo nós também devemos entregar, procurando, nesse caso, orientá-los para usarem na caça".

É nessa "comunhão de bens" que Chico Meirelles identifica a essência do contato com os silvícolas. Ao penetrar em território cinta-larga ele repartiu tudo que tinha e, em troca, os índios trouxeram sementes de amendoim, batata doce, mandioca, milho, abóbora e inhame.

Tudo isso foi plantado em volta do Acampamento Sete de Setembro, que ele fundou às margens do rio do mesmo nome. Pouco depois, construiu um novo acampamento, mais perto dos índios, às margens do rio Roosevelt — o nome é em homenagem ao presidente norte-americano Theodore Roosevelt, que visitou essas paragens por volta de 1914, em companhia do marechal Rondon.

Para o sertanista, essa entrega de sementes tem um significado muito grande, só compreendido por aqueles que conhecem o comportamento dos índios. Significa, antes de tudo, que eles desejam a presença do civilizado perto deles. "A semente — afirma Chico Meirelles — é o sinal verde para a fixação".

"Essa é a maior demonstração de amizade. Quando o índio apresenta com sementes ele quer que as pessoas fiquem como vizinhos deles".

### Negro Pelé

Ao chegar com sua expedição de 12 homens, um deles — o único de raça negra — foi motivo de muita discussão, medo e respeito dos cintas-largas. É que eles nunca tinham visto ninguém daquela cor. Pensaram que era tinta e convidaram "Pelé", como o chamam seus colegas, para um banho no rio a fim de esfregá-lo e eliminar a "tinta".

"Pelé" nunca se divertiu tanto com a areia das margens do rio Sete de Setembro, esfregaram seu corpo até constatar que a "tinta" não saía. Magica dos brancos — pensaram.

### Necessidade da arte

A arte dos cintas-largas, segundo verificou Chico Meirelles, está voltada mais para suas necessidades do que como objeto estético válido em si. Seus arcos e flechas são muito bem confeccionados, os plítes são bem construídos, e da mesma forma suas redes. As panelas de cerâmica apresentam-se mais voltadas para a função doméstica do que como objetos ornamentais.

Os cintas-largas carregam ainda, preso às costas, um cilindro grosso de madeira que usam para produzir fogo, atritando a peça contra rochas.

O objeto foi logo chamado pelos membros da expedição como "caixinha de fosforos". O próprio nome "cintas-largas" foram eles que colocaram, em virtude das cintas — muito bem feitas, acentua Chico Meirelles — que todos os índios, homens e mulheres, portam em torno do ventre.

O nome verdadeiro da tribo parece ser "Ikoren", mas todos os membros da expedição ainda não tem muita certeza, pois a denominação pode não ser genérica da tribo, mas apenas de um grupo da tribo.

Todas essas dúvidas poderão ser esclarecidas quando o trabalho de pacificação estiver terminado. Até lá o sertanista é a maior autoridade na região. Quando todos os índios estiverem pacificados, isto é, dividindo suas coisas com os estrangeiros, o sertanista partirá para nova missão e em seu lugar virá "o administrador" da FUNAI, para constituir, nesses um parque nacional, onde antropólogos, linguistas, etnólogos e pesquisadores sociais farão o trabalho de integração do índio, como ocorre hoje no Parque do Aripuanã.

É a nova política indígenista brasileira estará sendo testada. Essa perspectiva do Parque Nacional do Aripuanã, a ser constituído em torno dos cintas-largas, é que servirá — juntamente com as autoridades da FUNAI — como melhor resposta às preocupações estrangeiras sobre nossa política indígenista.



Telefoto "Estado"

Os cintas-largas nunca tinham visto um negro; Pelé lhes infundiu medo e respeito